



Os Limites da Técnica

Está enraizada em nossa sociedade a crença de que problemas ambientais podem e devem ser resolvidos, exclusivamente, por meio de soluções técnicas. Observamos, assim, o desenvolvimento de empreendimentos, tecnologias mirabolantes, destinados a “mitigar os impactos ambientais negativos provocados pela ação antrópica”. A sensação cultivada é a de que estamos sempre correndo atrás do prejuízo causado por nossas ações irresponsáveis.

Após a realização de uma “medida técnica remedidora”, é usual o reaparecimento do distúrbio que se pretendia eliminar por meio desta. O motivo parece claro: uma vez que o problema não é meramente técnico, não pode ser resolvido apenas através do uso da técnica.

Todo problema é originado de algo maior, mais profundo: a sua verdadeira causa! E é esta que, primeiramente, requer intervenções, modificações e reparos. Parece-me que a origem de muitos problemas ambientais diz respeito à nossa relação com o restante da natureza, ao fato de não nos sentirmos parte desta, de encarmosmos “bens naturais” como “recursos naturais”. Dessa forma, a intervenção na causa de grande parte dos distúrbios ambientais não demanda ações técnicas, mas, sim, a avaliação e reformulação da relação homem-natureza.

O desenvolvimento de ações mitigadoras para problemas ambientais é muito útil e necessário. O que é questionável é a acomodação proposta e cultivada pela sociedade, a qual interpreta medidas técnicas, mais superficiais e instantâneas, como soluções em si, e não como complementos para a reversão de quadros ambientais desagradáveis.

Tomemos como exemplo o projeto de recuperação ambiental da Baía de Guanabara, o Plano Guanabara Limpa, do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Diversas iniciativas estão sendo desenvolvidas com o objetivo de se alcançar o saneamento de 80% da Baía de Guanabara até 2016. Em meio a muito dinheiro e bens materiais despendidos nas obras, há dúvidas acerca da possibilidade de ser atingida a meta dentro do tempo limite. Além disso, é possível que, se a população habitante do entorno da Baía cultivar o hábito de despejar resíduos na mesma, se não forem realizadas fiscalizações para garantir a inexistência de lixões ilegais em torno do corpo aquático e/ou se o impedimento de lançamento de esgoto clandestino na Baía não for efetivo, o quadro de poluição permaneça grave.

Apesar de o projeto citado possuir diversos pontos positivos e ser válido, não é capaz de resolver a questão da deterioração da Baía de Guanabara como um todo. Para

tanto, é importante que ações sejam realizadas sobre a causa deste terrível quadro de degradação: uma equivocada crença de que corpos d’água são grandes receptores de esgoto, capazes de absorver e diluir a poluição infinitamente, somada à tendência de não reconhecimento do valor intrínseco dos ecossistemas.

As causas dos problemas não costumam ser tão facilmente identificadas como as consequências (os distúrbios perceptíveis), mas estão igualmente presentes e demandam olhares sensíveis e atentos para serem reconhecidas e administradas.



Imagens: mar.mil.br e blog márcia marques



O projeto de despoluição da Baía possui pontos positivos, mas não é capaz de resolver o problema como um todo